

ARTIGO

DEUS

INDÍCIOS E PROBABILIDADE

Uma Leitura Filosófica à Luz da Ciência

WWW.DEFENSORESDOEVANGELHO.COM

DDE | Ministério de Defesa da Fé Cristã



Núcleo de estudos Associação Brasileira de Cristãos na Ciência | Juiz de Fora - MG



AUTOR: Fábio Acauhi
Texto desenvolvido a partir da filosofia de
RICHARD SWINBOURNE

ARTIGO

Deus, Indícios e Probabilidade: Uma Leitura Filosófica à Luz da Ciência

Por Fábio Acauhi



Olá meus irmãos...

Que a graça e a paz do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo estejam com todos.

Neste período, tenho me dedicado à leitura simultânea de três obras que dialogam profundamente com a fé cristã e o pensamento contemporâneo: *Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento*, de Timothy Keller; *Apologética Pura & Simples*, de Alister McGrath; e *Quando a ciência encontra a religião – Inimigas, estranhas ou parceiras?*, de Ian Barbour. Cada uma delas, a seu modo, contribui para uma reflexão madura sobre fé, razão e realidade.

Foi nesta última obra, especificamente na página 45, que me deparei com um comentário do filósofo britânico Richard Swinburne. Swinburne é uma referência mundial em filosofia da religião e é amplamente conhecido por defender, de maneira rigorosamente racional, a existência de Deus por meio da lógica, da probabilidade e da filosofia da ciência, tratando o teísmo não como um salto cego de fé, mas como uma explicação plausível para a realidade que observamos.

A reflexão apresentada por Swinburne chamou-me profundamente a atenção. Creio, no Senhor, que essa leitura serviu como um estímulo para investigar com mais cuidado o conceito de plausibilidade e como, a partir de fortes indícios, ela pode aumentar e fortalecer a probabilidade racional da existência de um Deus teísta. Não se trata de buscar uma “prova matemática” de Deus, mas de compreender como a fé cristã pode ser sustentada por um raciocínio coerente, honesto e intelectualmente responsável.

Convido você, meu irmão e minha irmã, a acompanhar comigo essa reflexão.

Prova, indício e racionalidade científica

Um equívoco recorrente nos debates sobre a existência de Deus é exigir da hipótese teísta um tipo de prova absoluta, semelhante à de um teorema matemático. Richard Swinburne chama a atenção para o fato de que a própria ciência não opera dessa maneira. No cotidiano científico, teorias não são “provadas” de forma definitiva; elas são confirmadas ou enfraquecidas conforme novos dados surgem, sempre carregando um grau de probabilidade, nunca de certeza absoluta. Mesmo teorias centrais, como a mecânica quântica, a relatividade ou o modelo cosmológico padrão, permanecem como as melhores explicações disponíveis diante das evidências atuais, e não como verdades finais imutáveis. A partir desse entendimento, Swinburne propõe que o teísmo seja avaliado como uma hipótese explicativa legítima, submetida ao mesmo critério racional usado para avaliar outras explicações sobre a realidade.

Plausibilidade inicial e simplicidade explicativa

Um conceito fundamental no pensamento de Swinburne é o de plausibilidade inicial. Antes mesmo de se analisar os dados que observamos ou experimentamos, algumas hipóteses já se mostram mais razoáveis do que outras. Esse princípio é amplamente utilizado na ciência por meio da valorização da simplicidade explicativa. Teorias que explicam uma grande variedade de fenômenos com menos pressupostos são consideradas superiores às que exigem múltiplas hipóteses adicionais. Nesse sentido, Swinburne argumenta que a hipótese de Deus possui uma plausibilidade inicial elevada, pois postula um único agente pessoal, com poder causal fundamental, capaz de explicar a existência do universo e de suas leis de maneira unificada. Em contraste, muitas explicações estritamente naturalistas acabam exigindo a aceitação de leis físicas brutas, entidades inexplicadas ou estruturas altamente complexas sem causa última, o que, filosoficamente, não representa maior simplicidade.

A ordem do universo como indício

Um dos indícios mais relevantes discutidos por Swinburne é a impressionante ordem racional do universo. A ciência moderna só é possível porque parte do pressuposto de que o mundo é inteligível, regular e matematicamente estruturado. Esse pressuposto, embora indispensável, não é uma conclusão científica, mas uma condição prévia para a própria prática científica. A precisão matemática das leis da natureza, a estabilidade das constantes físicas e a elegância das equações que descrevem fenômenos extremamente complexos levantam uma questão que vai além do escopo da ciência empírica: por que existe ordem em vez de caos absoluto? Swinburne sustenta que a hipótese teísta torna essa ordem algo esperado, pois um agente racional criaria um universo estruturado de forma racional, coerente com sua própria natureza.

Ajuste fino e a probabilidade da vida

Outro elemento frequentemente destacado no diálogo entre ciência e teísmo é o fenômeno do ajuste fino do universo. Diversas constantes fundamentais possuem valores extremamente específicos, e variações mínimas nesses valores tornariam impossível a formação de estrelas, a química complexa ou a existência de vida consciente. As explicações mais comuns para esse fato incluem a necessidade física, o acaso puro, a hipótese do multiverso ou a intencionalidade. Swinburne argumenta que a necessidade física carece de fundamentação explicativa adequada, o acaso absoluto é filosoficamente frágil e o multiverso introduz uma multiplicação de entidades não observáveis. Em contraste, a hipótese teísta oferece uma explicação intencional e unificadora, na qual a existência de um universo capaz de sustentar a vida não é um acidente improvável, mas um resultado esperado.

Consciência: um desafio persistente ao naturalismo

A consciência ocupa um lugar central nesse debate, pois continua sendo um dos maiores desafios para uma explicação puramente materialista da realidade. Apesar dos avanços significativos da neurociência, ainda não existe uma explicação consensual sobre como processos físicos no cérebro produzem experiências subjetivas, pensamentos, intenções e autoconsciência. A ciência descreve correlações entre estados mentais e estados cerebrais, mas não explica por que a matéria organizada deveria gerar experiência consciente. Swinburne argumenta que, se a realidade última é pessoal, a existência de seres conscientes se torna algo esperado. Por outro lado, se a realidade fundamental

é impessoal, a emergência da consciência aparece como um fato profundamente surpreendente, exigindo explicações adicionais.

Experiência religiosa como dado racional

Swinburne também inclui a experiência religiosa como parte relevante do conjunto de indícios. Na ciência, testemunhos confiáveis e observações recorrentes são considerados dados legítimos, a menos que existam razões fortes para rejeitá-los. Ao longo da história, milhões de pessoas, em diferentes culturas e contextos, relataram experiências que interpretam como encontros com o transcendente. Swinburne propõe um princípio simples e racional: se alguém parece perceber algo e não há motivos suficientes para duvidar dessa percepção, é razoável levá-la a sério. Assim, a experiência religiosa não substitui a investigação racional, mas se soma a ela como um elemento adicional no conjunto de evidências.

Conclusão: o peso cumulativo dos indícios

O ponto central do pensamento de Swinburne não é que um único argumento seja capaz de provar a existência de Deus de forma definitiva, mas que diferentes indícios, quando considerados em conjunto, formam um quadro explicativo robusto. A ordem do universo, o ajuste fino das constantes, a existência da consciência, a racionalidade das leis naturais e a experiência religiosa atuam de maneira cumulativa, assim como ocorre na ciência quando múltiplas evidências independentes fortalecem uma teoria. Dessa forma, o teísmo se apresenta como uma explicação filosoficamente plausível, racionalmente defensável e probabilisticamente forte. É nesse contexto que Swinburne conclui que, considerando o total dos indícios disponíveis, o teísmo é mais provável do que o seu contrário, não como um ato de fé cega, mas como uma fé profundamente informada pela razão.

Amém queridos?

Obrigado por permanecerem até aqui. Esperamos que algo de bom tenha ficado e que, principalmente, Deus possa ter falado em seus corações.

Que Jesus, o autor e consumidor da nossa fé, nos abençoe poderosamente!

Com nossas orações por um mundo que
defenda sua fé racionalmente...

Defensores do Evangelho
Juiz de Fora – Minas

Estamos sempre:

